

UM CONTO DE A SELEÇÃO

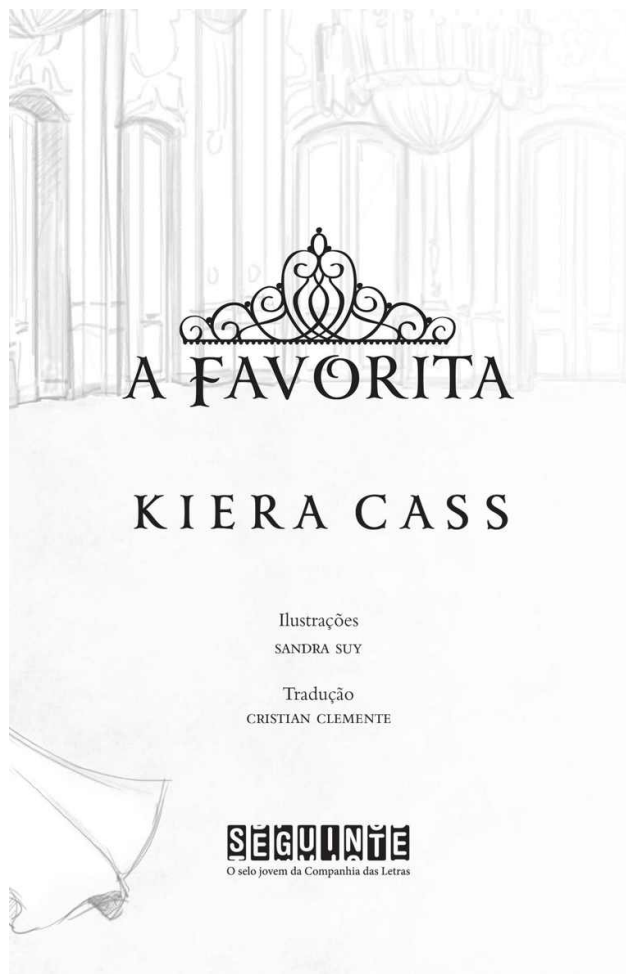


A FAVORITA

KIERA CASS

SEGUINTE





A FAVORITA

KIERA CASS

Ilustrações

SANDRA SUY

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras



INTRODUÇÃO

A PRIMEIRA COISA A COMENTAR sobre a história de Marlee é que demoramos um século para encontrar um título. Estávamos aqui à caça de algo que sintetizasse a melhor amiga incrível e otimista que se apaixonou e, nossa, como eu adoro Marlee!

Demorou bastante.

Quando finalmente chegamos em *A favorita*, a escolha fazia todo o sentido. Ela era amada pelo povo e por America. E quando se tratava dos leitores, era a personagem que vocês mais queriam conhecer melhor.

Me senti muito feliz por poder contar a história dela, porque isso me deu uma oportunidade única como escritora. Agora tenho uma cena dos meus livros, uma cena que realmente me doeu escrever, contada de três perspectivas diferentes. E tive a chance de contar a história dela de um jeito um pouco diferente, o que foi bem legal para mim como autora.

De certa forma é revigorante. A história de amor de America estava envolta em tantas escolhas que era difícil para ela seguir em frente. A história de amor de Marlee é simples e linda, e explica uma característica dela que só fui entender na hora de escrever *A herdeira*: quando Marlee toma uma decisão, é melhor não ficar no caminho dela.

Kiera



PARTE I

AJEITEI A PARTE DE CIMA DO VESTIDO na altura dos ombros. Carter estava quieto, e seu silêncio me dava mais calafrios do que a temperatura baixa nas celas do palácio. Tinha sido horrível ouvir seus grunhidos de dor enquanto os guardas arrancavam toda a sua esperança a pauladas, mas pelo menos dava para saber que ele estava respirando.

Tremendo, encolhi os joelhos contra o peito. Outra lágrima escorregou pela minha bochecha e agradeci; era a única coisa quente sobre a minha pele. Nós sabíamos. Sabíamos que ia acabar assim. E ainda assim nos encontramos. Como poderíamos ter parado?

Me perguntava como morreríamos. Força? Tiro? Algo muito mais elaborado e doloroso?

Não podia deixar de torcer para que o silêncio de Carter fosse um sinal de que ele já tivesse partido. Ou, se não, de que ele seria o primeiro. Eu preferia que minha última lembrança fosse a morte dele do que sofrer sabendo que a última lembrança dele seria a minha. Mesmo naquele momento, sozinha na cela, tudo o que eu queria era que a dor dele acabasse.

Alguma coisa se mexeu no corredor, e meu coração disparou. O que era? Será que era o fim? Fechei os olhos rápido para tentar segurar as lágrimas. Como isso tinha acontecido? Como eu tinha passado de participante amada da Seleção para alguém com o rótulo de traidora que aguardava sua punição? Ah, Carter... Carter, o que foi que fizemos?

Eu não me considerava uma pessoa vaidosa. Ainda assim, quase todo dia depois do café da manhã eu sentia que precisava voltar ao quarto e retocar a maquiagem antes de ir para o Salão das Mulheres. Sei que era bobeira: Maxon só me veria de novo no fim do dia. E nessa hora, claro, eu trocava de roupa e me maquiaria de novo mesmo.

Não que as coisas que eu fizesse parecessem surtir algum efeito. Maxon era educado e simpático, mas acho que não possuíamos a ligação que outras garotas tinham com ele. Havia algo de errado comigo?

Apesar de meus dias no palácio serem maravilhosos, eu não deixava de sentir que as outras garotas — bom, algumas delas ao menos — entendiam alguma coisa que me escapava. Antes de ser uma Seleccionada, eu me achava divertida, bonita e inteligente. Mas agora que estava no meio de um bando de garotas cuja missão diária era impressionar um garoto em particular, me sentia apagada, chata e pequena. Percebi que deveria ter prestado bem mais atenção às minhas amigas da província, que pareciam sempre com pressa para encontrar um marido e se estabelecer na vida. Elas passavam o tempo falando de roupas, maquiagem e garotos, enquanto eu me dedicava mais ao que os meus tutores me ensinavam. Sentia que tinha deixado de aprender uma lição importante, e agora ficara deploravelmente para trás.

Não. Eu só precisava continuar tentando, era isso. Havia decorado tudo da aula de história de Silvia no começo da semana. Até tomara algumas notas para ter à mão caso esquecesse alguma coisa. Queria que Maxon me considerasse inteligente e madura. Também queria que ele me achasse bonita, por isso julgava que essas idas ao quarto eram necessárias.

Será que a rainha Amberly fazia isso? Ela parecia estonteante o tempo todo sem fazer esforço.

Parei na escada para conferir o sapato. Um dos saltos parecia raspar no tapete. Como não vi nada de estranho, segui em frente, ansiosa para chegar no Salão das Mulheres.

Joguei o cabelo por cima do ombro ao me aproximar do primeiro andar e voltei a me concentrar em descobrir se ainda faltava alguma coisa. Sempre quis ganhar. Eu não tinha passado muito tempo com Maxon, mas ele parecia gentil e divertido e...

— Ahh! — Meu salto ficou preso na beira da escada e caí com tudo no chão de mármore. — Ai — murmurei.

— Senhorita! — Levantei a cabeça e vi um guarda correndo na minha direção. — Está tudo bem?

— Sim. Nada ferido além do orgulho — respondi, corando.

— Não sei como as mulheres conseguem andar com esses sapatos. É um milagre que vocês não vivam quebrando o tornozelo.

Ri quando ele me ofereceu a mão.

— Obrigada.

Comecei a ajeitar o cabelo e endireitar o vestido.

— Não tem de quê. A senhorita tem certeza de que não se machucou?

Ele me examinou com um olhar atento à procura de arranhões ou cortes.

— Dói um pouco no quadril onde bati, mas de resto estou ótima — falei, o que era verdade.

— Talvez eu devesse acompanhar a senhorita até a ala hospitalar, só para garantir.

— Não precisa, de verdade — insisti. — Estou bem.

Ele suspirou.

— Seria muito incômodo a senhorita ir mesmo assim? Se estiver machucada e eu não tiver feito nada para ajudar, vou me sentir péssimo.

— Os olhos azuis dele eram terrivelmente convincentes. — E eu aposto que o príncipe iria querer que a senhorita fosse.

O argumento era justo.

— Tudo bem — cedi. — Eu vou.

Um sorriso apareceu no canto de sua boca.

— Ótimo — ele disse, e em seguida me pegou no colo. Levei um susto.

— *Acho que não precisa disso — protestei.*

— *Faço questão. — Ele começou a caminhar, então não consegui descer.*

— *Agora, corrija-me se eu estiver enganado, mas a senhorita é a Marlee, certo?*

— *Sim, sou.*

Ele continuava a sorrir, e não pude deixar de sorrir de volta.



— *Tenho me esforçado para decorar o nome de todas as Seleccionadas. Para ser sincero, não acho que fui o melhor no treinamento e não faço ideia de como vim parar no palácio. Mas quero garantir que não se arrependam da decisão, então tento pelo menos aprender os nomes. Assim, se alguém precisar de alguma coisa, vou saber de quem estão falando.*

Gostei do seu jeito de falar. Era como se contasse uma história, ainda que contasse apenas um fato sobre si mesmo. Seu rosto era animado e sua

voz, vibrante.

— Bom, você já está fazendo mais do que o necessário — elogiei. — E não se diminua tanto. Tenho certeza de que foi um recruta excelente para ter sido mandado para cá. Os comandantes devem ter visto muito potencial em você.

— A senhorita é muito gentil. Poderia me relembrar de onde veio?

— Kent.

— Ah, eu sou de Allens.

— Verdade? — Allens era logo a leste de Kent, ao norte de Carolina. Éramos vizinhos de certa forma.

Ele fez que sim com a cabeça sem parar de andar.

— Sim, senhorita. Esta é a primeira vez que saio da minha província. Bom, a segunda, se contarmos o treinamento.

— Eu também. É meio difícil se acostumar com o clima.

— É mesmo! Estou esperando o outono chegar, mas nem sei se aqui tem outono.

— Pois é. O verão é legal, mas não todo dia.

— Exatamente — ele disse, firme. — Dá pra imaginar como o Natal deve ser sem graça?

Soltei um suspiro.

— Não tem como ser muito bom sem neve.

Eu falava sério. Sonhava com o inverno o ano inteiro. Era minha estação favorita.

— Não deve nem passar perto disso — ele concordou.

Eu não sabia por que estava sorrindo tanto. Talvez por causa da sensação de que a conversa fluía fácil. Para mim, nunca tinha sido fácil conversar com um garoto. Eu tinha consciência da minha falta de prática, mas era bom pensar que talvez não precisaria me esforçar tanto como tinha imaginado.

Ele diminuiu a velocidade quando nos aproximamos da ala hospitalar.

— *Você poderia me botar no chão?* — perguntei. — *Não quero que eles pensem que quebrei uma perna ou coisa parecida.*

Ele achou graça.

— *Tudo bem.*

Ele me pôs no chão e abriu a porta para mim. Lá dentro, uma enfermeira estava sentada a uma escrivaninha.

O soldado falou por mim:

— *A senhorita Marlee levou um pequeno tombo no corredor. Provavelmente não foi nada, mas queríamos ter certeza.*

A enfermeira levantou na hora, aparentemente feliz por ter algo pra fazer.

— *Ah, senhorita Marlee, espero que não tenha se machucado muito.*

— *Não. Só está doendo um pouquinho aqui — eu disse tocando o quadril.*

— *Vou examiná-la agora mesmo. Muito obrigada, soldado. Pode voltar ao seu posto.*

O guarda se despediu acenando com a cabeça e virou para sair. Um pouco antes de as portas fecharem, ele piscou pra mim e abriu um sorriso, e eu fiquei lá, rindo sozinha feito uma idiota.

*

Voltei ao presente quando as vozes no corredor ficaram mais altas. Escutei as saudações dos guardas, emendadas umas nas outras. Todos diziam a mesma palavra: *alteza*. Maxon estava ali.

Corri para a janelinha gradeada da minha cela. Vi a porta da cela do outro lado do corredor — a cela de Carter — se abrir e Maxon entrar com sua escolta. Estiquei o pescoço ao máximo para ouvir o que diziam, mas apesar de distinguir a voz de Maxon, não consegui decifrar palavra nenhuma. Também ouvi alguns murmúrios de resposta e tive certeza de

que eram de Carter. Ele estava acordado. E vivo. Suspirei e tremi ao mesmo tempo, e então ajeitei mais uma vez o tulo nos ombros.

Depois de alguns minutos, a porta da cela de Carter se abriu de novo e observei Maxon se aproximar da minha. Os guardas lhe deram passagem e fecharam a porta assim que ele entrou. Ele me olhou e exclamou:

— Meu Deus, o que fizeram com você?!

Maxon caminhou até mim enquanto desabotoava o paletó.

— Maxon, eu sinto tanto — chorei.

Ele tirou o paletó e o pôs sobre mim.

— Foram os guardas que rasgaram sua fantasia? Eles te machucaram?

— Nunca quis ser infiel. Nunca quis te magoar.

Ele levou as mãos ao meu rosto.

— Marlee, me escute. Os guardas bateram em você?

Fiz que não com a cabeça.

— Um deles arrancou as asas quando me empurrou pela porta, mas não fizeram mais nada.

Ele suspirou, claramente aliviado. Que homem bom era ele: ainda preocupado com meu bem-estar mesmo depois de ter descoberto o que Carter e eu fizemos.

— Eu sinto tanto — sussurrei de novo.

As mãos de Maxon desceram até meus ombros:

— Estou começando a entender como é inútil lutar contra uma paixão. Jamais culparia você por isso.

Encarei seus olhos ternos e falei:

— Tentamos nos segurar. Juro que tentamos. Mas eu amo Carter. Eu me casaria com ele amanhã mesmo... se não fôssemos estar mortos até lá.

Baixei a cabeça e comecei a soluçar incontrolavelmente. Queria agir mais como uma dama nessa situação, aceitar o castigo com nobreza. Mas parecia tão injusto. Era como se estivessem me tirando todas as coisas antes mesmo de elas serem minhas de verdade.

Maxon começou a acariciar delicadamente as minhas costas.

— Você não vai morrer.

Encarei-o sem acreditar.

— O quê?

— Você não foi condenada à morte.

Deixei escapar um suspiro aliviado e o abracei.

— Obrigada! Muito obrigada! É mais do que merecemos!

— Pare! Pare! — ele insistiu, chacoalhando meus braços.

Recuei, envergonhada por ter quebrado o protocolo depois de tudo que já tinha feito.

— Você não foi condenada à morte — ele repetiu —, mas ainda terá que ser punida. — Ele fez uma pausa, olhou para o chão e balançou a cabeça.

— Sinto muito, Marlee, mas vocês dois serão açoitados em público amanhã de manhã.

Ele parecia ter dificuldade para sustentar meu olhar; se eu não soubesse quem ele era, teria pensado que conhecia a dor à nossa espera.

— Sinto muito — ele repetiu. — Tentei evitar isso, mas meu pai insiste que o palácio precisa manter as aparências. E como o vídeo de vocês dois juntos já circulou, não há nada que eu possa fazer para convencê-lo a mudar de ideia.

Limpei a garganta.

— Quantos golpes?

— Quinze. Acho que o plano é fazer Carter sofrer bem mais do que você, mas mesmo assim a dor vai ser absurda. Sei que às vezes as pessoas até desmaiam. Sinto muito, muito mesmo, Marlee.

Ele parecia decepcionado consigo mesmo. E eu só conseguia pensar no quanto ele era bom.

Endireitei o corpo, na tentativa de mostrar a ele que eu era capaz de lidar com a situação.

— Você vem aqui com a oferta de poupar minha vida e a vida do homem que eu amo, e ainda pede desculpas? Maxon, nunca tive tanto a agradecer.

— Vão rebaixar vocês dois a Oito — ele disse. — Todo mundo vai assistir.

— Mas Carter e eu ficaremos juntos, certo?

Ele confirmou com a cabeça.

— Então o que mais posso pedir? Eu aceito ser açoitada por isso. Eu aceitaria ser açoitada no lugar dele também se isso fosse possível.

Maxon abriu um sorriso triste.

— Carter literalmente pediu para ser açoitado no seu lugar.

Também sorri. E mais lágrimas — lágrimas mais felizes — me encheram os olhos.

— Não me surpreende.

Maxon balançou a cabeça de novo.

— Quando acho que estou começando a entender um pouco o que significa amar, vejo vocês dois, um pedindo para que o outro seja poupado. Então me pergunto se realmente entendo alguma coisa.

Apertei um pouco mais o paletó ao meu redor.

— Você entende. Sei que entende. — Encarei bem seus olhos. — Já ela... Talvez precise de um tempo.

Ele riu baixo.

— Ela vai sentir sua falta. Ela costumava me incentivar a ir atrás de você.

— Só uma amiga de verdade abriria mão de ser princesa pela outra. Mas eu não nasci para você nem para a coroa. Já encontrei o meu amor.

— Ela me disse algo uma vez — ele falou devagar — que jamais vou esquecer. Ela disse: “o amor verdadeiro é geralmente o mais inconveniente”.

Corri os olhos pela cela e concordei.

— Ela estava certa.

Permanecemos em silêncio por mais uns instantes até que falei de novo:

— Estou com medo.

Ele me abraçou.

— Vai acabar rápido. O pior será a prévia do açoite, mas pense em outra coisa enquanto eles estiverem falando. E depois vou tentar arranjar para vocês os melhores remédios, os que são reservados a mim, para que vocês saiam depressa. — Comecei a chorar. Sentia medo e gratidão e mil outras coisas. — Por ora, você precisa dormir o máximo que puder. Falei para Carter descansar também. Vai ajudar.

Concordei com a cabeça no ombro dele, e Maxon me apertou com mais força.

— O que ele disse? — perguntei. — Ele está bem?

— Ele levou uma surra, mas está melhor agora. Me pediu para dizer que te ama e que você precisa fazer tudo o que eu falar.

Suspirei, reconfortada por aquelas palavras.

— Tenho uma dívida eterna com você.

Maxon não respondeu. Apenas manteve o abraço até eu me acalmar. Depois, me beijou na testa e virou para sair.

— Adeus — sussurrei.

Ele sorriu para mim e deu duas batidas na porta. Um guarda apareceu para acompanhá-lo.

Voltei a encostar na parede e encolhi as pernas por baixo do vestido, improvisando o paletó de Maxon como cobertor. Me deixei ser levada de volta às minhas lembranças...

*

Jada passava hidratante no meu corpo, um ritual que eu amava cada vez mais. Embora ainda fosse cedo — tínhamos acabado de jantar — e eu não

estivesse com o menor sono, o deslizar daquelas mãos hábeis pelos meus braços indicava que o dia tinha chegado ao fim e que eu podia relaxar.

Aquele dia tinha sido especialmente cansativo. Além de um roxo no quadril — que teoricamente deveria estar com uma bolsa de gelo em cima —, o Jornal Oficial fora bem estressante. Nos apresentaram de verdade para o público, e Gavril perguntou a todas o que achávamos do príncipe, o que nos fazia sentir saudade de casa e como ia nosso relacionamento com as outras. Respondi com uma voz que mais parecia um piado de passarinho. Apesar das minhas tentativas de manter a calma, minha voz subia uma oitava a cada resposta, tamanha era minha ansiedade. Com certeza Silvia teria algo a comentar sobre isso.

Claro que não pude deixar de me comparar com as outras. Tiny não se saiu muito bem, então pelo menos não fui a pior das piores. Mas era difícil dizer quem tinha ido melhor. Bariel ficou tão à vontade diante da câmera; Kriss também. Não me surpreenderia se as duas chegassem à Elite.

America também estava maravilhosa. Isso não deveria ter me surpreendido, mas agora me dei conta de que nunca tive amigas de casta inferior. Me senti tão esnobe por isso. America era minha confidente mais íntima desde que chegamos ao palácio. E se eu não era capaz de figurar entre as concorrentes mais fortes, a presença dela no topo me deixava animada.

Claro que eu sabia que qualquer uma seria melhor para Maxon do que Celeste. Eu ainda era incapaz de acreditar que ela tinha rasgado o vestido de America. E saber que ainda por cima ela escapara ilesa era desanimador. Eu não conseguia imaginar ninguém contando a Maxon o que Celeste tinha feito, o que a deixava livre para continuar a nos torturar. Entendia que ela quisesse ganhar — caramba, todas nós queríamos —, mas ela ia longe demais. Eu não a suportava.

Felizmente, os dedos ágeis de Jada tiravam toda a tensão do meu pescoço, e a figura de Celeste começou a se apagar, assim como minha voz

estridente e a postura incômoda e a lista de preocupações que acompanhava os esforços para me tornar princesa.

Quando uma batida soou na porta, tive esperança de que fosse Maxon, apesar de saber que isso não tinha fundamento. Talvez fosse America, e então poderíamos tomar um chá na minha sacada ou dar um passeio nos jardins.

Mas quando Nina atendeu a porta, deu com um guarda — aquele que eu tinha conhecido mais cedo — parado no corredor. Ele lançou um olhar por cima de Nina, sem se incomodar com o protocolo.

— Senhorita Marlee! Vm ver como está!

Ele parecia tão animado com a visita que não consegui segurar o riso.

— Entre, por favor — convidei, interrompendo meu momento de vaidade e levantando. — Sente. Posso pedir para as criadas nos servirem um pouco de chá.

Ele negou com a cabeça.

— Não quero tomar seu tempo. Só queria ter certeza de que você não ficou aleijada com aquele tombo.

Pensei que estivesse com as mãos para trás para manter o mínimo de formalidade, mas na verdade ele estava escondendo um buquê de flores, que me entregou fazendo graça, com um gesto pomposo.

— Oun! — exclamei, aproximando o buquê do rosto. — Obrigada!

— Não foi nada. Sou amigo de um dos jardineiros, e ele arrumou as flores pra mim.

Nina se aproximou discretamente.

— Quer que eu arrume um vaso, senhorita?

— Por favor — respondi, entregando as flores. — Para a sua informação — eu disse, voltando a olhar para o guarda —, estou muito bem. Um pequeno roxo, mas nada sério. E aprendi uma valiosa lição sobre salto alto.

— Que botas são infinitamente melhores?

Ri de novo.

— *Claro. Tenho planos de adicionar muito mais botas ao meu guarda-roupa.*

— *Você será a única responsável pelo novo rumo na moda do palácio! E, quando isso acontecer, poderei dizer que te conheci.*

Ele riu da própria piada e nós dois continuamos ali, sorrindo um para o outro. Tive a sensação de que ele não queria ir embora... e então percebi que eu também não queria que ele fosse. O sorriso dele era tão terno, e fazia tempo que eu não ficava tão à vontade com alguém.

Infelizmente, ele se deu conta de que seria estranho permanecer no meu quarto e fez uma reverência rápida.

— *Acho melhor ir embora. Meu turno é longo amanhã.*

— *De certa forma, o meu também — respondi com um suspiro.*

Ele sorriu.

— *Espero que se sinta melhor. Tenho certeza de que vou te ver por aí.*

— *Eu também. E obrigado por ser tão prestativo hoje, soldado... — olhei para o distintivo antes de completar: — Woodwork.*

— *Sempre às ordens, senhorita Marlee.*

Ele fez outra reverência e, em seguida, retirou-se para o corredor.

Shea fechou a porta com delicadeza quando ele saiu.

— *Que cavalheiro. Vir aqui para ver como a senhorita está — comentou.*

— *Pois é — Jada concordou. — Os soldados nem sempre acertam, mas esse lote parece bom.*

— *Esse soldado com certeza é bom — eu disse. — Preciso falar dele para o príncipe Maxon. Talvez o soldado Woodwork mereça uma recompensa por sua gentileza.*

Fui para a cama mesmo sem estar cansada. Durante as horas de sono, o número de criadas caía de três para uma, e esse era o máximo de solidão que eu podia ter. Nina trouxe um vaso azul que ficava lindo com as flores amarelas.

— Coloque aqui, por favor — pedi, e ela o pôs bem ao lado da minha cama.

Fiquei olhando as flores, e um sorriso se insinuava em meus lábios. Eu sabia que jamais falaria com o príncipe Maxon sobre o soldado Woodwork, apesar de ter acabado de dizer que o faria. Não sabia bem por quê, mas tinha certeza de que o guardaria pra mim.

O rangido da porta se abrindo me fez acordar sobressaltada. Levantei na hora e puxei o paletó de Maxon para cima dos ombros.

Um guarda entrou sem nem se dar ao trabalho de me encarar nos olhos.

— Estenda as mãos.

Estava tão acostumada com todos acrescentando “senhorita” às frases que demorei um segundo para responder quando ele falou comigo desse jeito. Por sorte, esse guarda não parecia a fim de castigar minha lentidão. Estiquei os braços na frente do corpo e ele os algemou com correntes pesadas. Quando soltou o peso das correntes, meu corpo até pendeu um pouco para a frente.

— Ande — ele ordenou, e eu o segui pelo corredor.

Carter já estava lá, com uma aparência péssima. As roupas dele estavam ainda mais imundas do que as minhas, e ele parecia ter dificuldade para manter o corpo ereto. No instante em que me viu, porém, seu rosto se acendeu num sorriso que lembrava fogos de artifício, fazendo uma ferida em seu lábio reabrir e começar a sangrar. Consegui abrir o menor dos sorrisos antes que os guardas comessem a nos conduzir rumo à escadaria ao final do corredor.

Com base nas nossas fugas para os abrigos, eu sabia que o palácio tinha mais passagens secretas do que qualquer um poderia supor. Na noite anterior fomos levados para as celas através de uma porta que eu sempre tinha pensado ser um armário de toalhas. Seguíamos agora pelo mesmo caminho para o primeiro andar.

Quando terminamos de subir, o guarda que nos conduzia vociferou:

— Esperem.

Carter e eu ficamos atrás da porta entreaberta, à espera de sermos escoltados para a nossa dolorosa e humilhante punição.

— Sinto muito — ele murmurou.

Levantei os olhos para ele, e mesmo com o lábio ensanguentado e o cabelo desgrenhado, só conseguia enxergar o garoto que insistiu em me levar para a ala hospitalar, o garoto que me trouxe flores.

— Eu não sinto — repliquei com a voz mais firme possível.

Num instante, todos os momentos roubados que compartilhamos me passaram pela cabeça. Vi todas as vezes em que nossos olhares se encontraram e desviaram logo em seguida; todas as vezes em que fiz questão de ficar parada num cômodo quando sabia que ele estava por perto; cada piscada sua quando eu entrava na sala de jantar; cada riso baixo que eu deixava escapar ao passar por ele no corredor.

Tínhamos construído um relacionamento no meio de todas as nossas obrigações no palácio, e se naquele momento eu estivesse caminhando para a minha morte, me esforçaria ao máximo para aceitar a situação e me dar por satisfeita. Eu tinha encontrado minha alma gêmea. Eu sabia disso. E havia muito amor no meu coração para que sobrasse espaço para o arrependimento.

— Vamos ficar bem, Marlee — Carter prometeu. — Não importa o que aconteça daqui para a frente, vou cuidar de você.

— E eu vou cuidar de você.

Carter se inclinou para me beijar, mas os guardas o detiveram.

— Basta! — um deles gritou conosco.

Finalmente a porta se abriu por inteiro, e Carter foi empurrado para fora antes de mim.

O sol da manhã entrava pelas portas da frente e inundava o palácio, e precisei olhar para o chão para conseguir aguentar. Por mais desnorteante

que fosse a luz, os gritos ensurdecedores da multidão à espera de assistir o espetáculo eram piores. Quando irrompemos do lado de fora, ergui a cabeça, apertei os olhos e pude avistar uma área com assentos especiais ao meu lado. Doeu no coração ver America e May bem na fileira da frente. Depois de o guarda me dar um empurrão e quase me derrubar, levantei o olhar mais uma vez à procura dos meus pais, rezando para que eles já tivessem partido.

Minhas preces não foram atendidas.

Eu sabia que Maxon era bondoso demais para fazer isso. Se ele tinha tentado evitar que eu recebesse qualquer punição, não poderia ter sido ideia dele fazer minha mãe e meu pai assistirem tudo ao vivo. Não queria ceder nenhum espaço do meu coração para a raiva, mas eu sabia quem era o responsável por isso, e uma brasa de ódio pelo rei começou a arder dentro de mim.

De repente, arrancaram o paletó de Maxon dos meus ombros e me botaram de joelhos diante de um bloco de madeira. Removeram as correntes de metal e amarraram tiras de couro nos meus punhos.

— É um crime para pena de morte! — alguém anunciou. — Mas, em sua misericórdia, o príncipe Maxon poupará a vida destes dois traidores. Vida longa ao príncipe Maxon!

As tiras nos punhos tornavam tudo muito real. O medo tomou conta de mim e comecei a chorar. Olhei para minhas mãos delicadas, para lembrar delas como eram naquele instante, desejando que pudesse usá-las para secar as lágrimas. Então me virei para Carter.

Embora a estrutura a que ele estava amarrado dificultasse, ele esticou o pescoço para poder me ver. Foquei nele. Eu não estava só. Tínhamos um ao outro. A dor era temporária, mas eu teria Carter para sempre. Meu amor, para sempre.

Ainda que eu pudesse sentir o corpo tremer de medo, também sentia um orgulho estranho. Não que algum dia fosse me gabar de ser açoitada por

amor, mas me dei conta de que algumas pessoas jamais saberiam como é especial ter alguém. Eu sabia. Eu tinha uma alma gêmea. E faria qualquer coisa por ele.

— Eu te amo, Marlee — Carter gritou sobre o ruído da multidão. — Vamos ficar bem, eu prometo.

Minha garganta estava seca. Não consegui responder. Acenei com a cabeça, para que ele soubesse que eu tinha ouvido, mas fiquei decepcionada comigo mesma por ser incapaz de dizer que também o amava.

— Marlee Tames e Carter Woodwork! — Virei em direção ao som de nossos nomes. — Vocês dois estão destituídos de suas castas. São os mais inferiores dos inferiores. São Oito!

O povo comemorou, divertindo-se com nossa humilhação.

— E para infligir em ambos a vergonha e a dor que trouxeram à Sua Majestade, vocês serão açoitados com quinze golpes. Que suas cicatrizes lhes recordem dos seus muitos pecados!

O homem deu um passo para o lado e ergueu os braços para ser ovacionado uma última vez. Observei os mascarados que tinham amarrado Carter e eu se aproximarem de um balde fundo e puxarem varas longas e encharcadas. Os discursos tinham chegado ao fim, e o show estava prestes a começar.

Dentre as diversas coisas que poderia ter pensado, naquele exato instante lembrei de uma aula de história de anos atrás. Nosso tutor comentou que diziam que antigamente os maridos tinham autorização para bater nas mulheres, mas apenas se usassem uma vara que não fosse mais espessa do que seu polegar.

A vara que estávamos prestes a encarar não passaria nesse teste.

Desviei o olhar quando eles começaram a agitar as varas, se preparando. Carter respirou fundo algumas vezes, depois engoliu em seco e voltou a focar em mim. De novo, meu coração se encheu de amor. Os açoites

seriam bem piores para ele. Talvez saísse dali sem conseguir nem andar, mas se preocupava comigo.

— Um!

Não estava nem um pouco preparada para o golpe e gritei com o impacto. Depois, a dor diminuiu por um instante, e pensei que talvez não seria tão ruim. Então, do nada, minha pele começou a arder. A ardência aumentou e aumentou até...

— Dois!

Eles marcavam com precisão o intervalo entre os golpes. Assim que a dor atingia o pico, eles a renovavam. Comecei a gritar pateticamente enquanto observava as mãos tremerem de agonia.

— Vamos ficar bem! — Carter insistiu, aguentando a própria tortura para amenizar a minha.

— Três!

Depois desse golpe, cometi o erro de fechar as mãos, pensando que isso diminuiria a dor. Muito pelo contrário: a pressão a deixou dez vezes pior, e soltei um som estranho e gutural.

— Quatro!

Aquilo era sangue?

— Cinco!

Era sangue com certeza.

— Vai acabar logo — Carter prometeu. Soava tão fraco. Eu queria que ele poupasse suas energias.

— Seis!

Não dava. Eu não aguentava mais. Não havia como tolerar mais dor do que aquilo. Mais dor seria morte na certa.

— Amo... você.

Esperei o próximo golpe vir, mas parecia ter havido um descompasso na sessão.

Ouvi alguém gritar meu nome; quase parecia que iam me salvar. Tentei olhar para os lados, o que foi um erro.

— Sete!

Gritei no ato. Apesar de a espera pelos golpes ser quase insuportável, ser pega de surpresa por eles era ainda pior. Minhas mãos tinham sido rasgadas; eram agora uma massa inchada de carne viva. E quando a vara desceu de novo, meu corpo desistiu, e felizmente o mundo ficou escuro e pude voltar aos meus sonhos do passado...

Os corredores davam uma sensação de vazio tão grande. Agora que restavam apenas seis de nós, o palácio começava a parecer grande demais. Como a rainha Amberly vivia assim? Devia ser uma vida muito isolada. Às vezes me dava vontade de gritar só para ouvir alguma coisa.

Uma gargalhada melodiosa me chegou aos ouvidos, e quando virei na sua direção dei com America e Maxon no jardim. Ele estava com as mãos para trás enquanto ela caminhava de costas, agitando os braços no ar como se contasse uma história. Quando ela concluiu, exagerando os gestos, Maxon inclinou o corpo para a frente e fechou os olhos de tanto rir. A impressão era de que ele mantinha as mãos para trás porque se não se segurasse acabaria tomando minha amiga nos braços ali mesmo, naquele instante. Maxon aparentemente sabia que tal atitude seria botar o carro na frente dos bois, que America poderia se assustar. Eu admirava a paciência dele e me alegrava em ver que avançava rumo à melhor escolha que poderia fazer para si mesmo.

Talvez eu não devesse ficar tão alegre em perder, mas não conseguia evitar. Os dois eram bons demais juntos. Ele oferecia controle ao caos dela; ela, leveza à seriedade dele.

Continuei a assistir à cena, enquanto pensava que pouco tempo antes nós duas estivemos naquele mesmo lugar, e quase lhe confessei um segredo

meu. Mas segurei a língua. Confusa como estava, sabia que não podia dizer nada.

— Lindo dia.

Quase dei um pulo ao ouvir isso, mas assim que meu cérebro reconheceu a voz dele, deu início a uma série de outras reações. Corei, meu coração disparou, e me senti uma completa boba por ficar tão contente em vê-lo.

Ele abriu um sorriso travesso que me fez derreter.

— É mesmo — eu disse. — Como você está?

— Tudo bem — ele respondeu, mas com um sorriso menor e a testa franzida.

— O que houve? — perguntei baixinho.

Ele engoliu em seco, pensativo. Depois, olhou ao redor para conferir se estávamos a sós e aproximou o rosto do meu.

— Há algum horário em que todas as criadas saem do quarto? — sussurrou. — Em que eu possa ir conversar com você?

Que vergonha do barulho alto que meu coração fazia diante da ideia de ficar a sós com ele.

— Sim. Elas saem para almoçar juntas mais ou menos à uma.

— Vejo você um pouco depois da uma, então.

Ele se retirou, com um sorriso que ainda parecia triste. Talvez eu devesse ter me preocupado mais, me interessado mais em saber o que o afligia. Mas só conseguia pensar em como estava feliz porque o veria de novo em breve.

Voltei a olhar através da janela e a observar America com Maxon. Eles passaram a caminhar lado a lado. Na mão dela, uma flor, que ela carregava sem cuidado, balançando para a frente e para trás. Maxon xon ensaiou tirar a mão das costas e passar pelo ombro dela, mas logo fez uma pausa e a pôs de novo atrás de si.

Suspirei. Eles perceberiam cedo ou tarde. E eu não sabia se queria ou não que isso acontecesse. Não estava pronta para deixar o palácio. Ainda

não.

Mal toquei no almoço. Estava ansiosa demais. E apesar de não ter chegado aos exageros que fazia por Maxon algumas semanas antes, me peguei olhando meu reflexo em qualquer superfície que eu passava para conferir se estava tudo no lugar.

Não estava. Os olhos dessa Marlee eram maiores, e sua pele brilhava mais. Até a postura estava diferente. Eu estava diferente.

Pensei que a ausência das criadas me ajudaria a relaxar, mas isso só me deixou mais ansiosa. O que ele precisava dizer? Por que precisava dizer a mim? Era sobre mim?

Esperei com a porta aberta, o que foi uma tolice, porque tive certeza de que ele me observou andar em círculos por um tempo antes de limpar a garganta.

— Soldado Woodwork — eu disse, um pouco animada demais, de novo com voz de passarinho.

— Olá, senhorita Marlee. Agora é um momento bom? — ele perguntou antes de entrar com passos incertos.

— Sim. As criadas acabaram de sair e só voltam daqui a uma hora mais ou menos. Por favor, sente — convidei com a mão estendida para a mesa.

— Acho melhor não, senhorita. Tenho a sensação de que preciso falar rápido e sair.

— Ah.

Eu tinha alimentado uma espécie de esperança frágil em torno do encontro, por mais idiota que isso fosse, e agora... Bom, não sabia o que esperar.

Percebi o tamanho do desconforto dele e me senti mal. Não conseguia suportar a ideia de que eu contribuía com isso de alguma maneira.

— Soldado Woodwork — comecei em tom baixo. — Pode me dizer o que quiser. Não precisa ficar tão nervoso.

Ele respirou fundo.

— Viu? É esse tipo de coisa.

— O quê?

Ele balançou a cabeça e recomeçou:

— Isso não é justo. Não te culpo por nada. Na verdade, queria vir aqui e assumir isso e pedir perdão.

Franzi a testa.

— Ainda não entendi.

Ele mordeu o lábio, me observando.

— Acho que te devo desculpas. Desde que te conheci, passei a mudar meu trajeto na esperança de te ver de passagem no corredor ou de te dar um oi.

Tentei esconder o sorriso. Eu fazia a mesma coisa.

— Nossas conversas estão entre os melhores momentos que tive no palácio. Ouvir sua risada, ou escutar você falar do seu dia, ou comentar com você algum assunto que talvez nenhum de nós entenda direito, enfim... adoro isso tudo.

Os lábios dele se curvaram naquele sorriso travesso, e ri baixo ao pensar naquelas conversas. Eram sempre curtas demais ou cochichadas demais. Não havia ninguém com quem eu gostasse de falar mais do que com ele.

— Também adoro — admiti.

O sorriso dele vacilou.

— Acho que é por isso que precisamos parar.

Será que alguém realmente tinha me dado um soco no estômago, ou eu estava imaginando coisas?

— Acho que estou ultrapassando o limite. Minha intenção sempre foi ser simpático com você, mas quanto mais te vejo, mais tenho a sensação de que preciso esconder alguma coisa. E se preciso esconder, é porque estou ficando próximo demais de você.

Pisquei para não chorar. Eu tinha feito a mesma coisa desde o primeiro dia, dizendo a mim que não era nada mesmo sabendo que era.

— Você é dele — o soldado continuou, agora com os olhos baixos. — Sei que você é a favorita do povo. Claro que é. A família real com certeza vai levar isso em conta antes de o príncipe fazer sua escolha final. Será que continuar cochichando com você nos corredores é um ato de traição? Deve ser.

Ele balançou a cabeça mais uma vez na tentativa de ordenar os sentimentos.

— Você tem razão — sussurrei. — Vim pra cá por causa dele e prometi ser fiel. Se existe entre nós algo que pode ser considerado mais do que platônico, temos que cortar.

Ambos ficamos parados, com os olhos fixos no chão. Eu estava com dificuldade de respirar. Claramente, minha esperança era de que a conversa tivesse ido na direção oposta, mas só tive consciência plena disso quando ela não foi.

— Não devia doer tanto — murmurei.

— Não, não devia — concordou ele.

Baixei a cabeça e comecei a esfregar a palma da mão num lugar do peito que me doía. Levantei o olhar de repente e vi Carter fazendo exatamente a mesma coisa.

Nesse momento tive certeza. Certeza de que ele sentia seja lá o que eu sentia. Talvez não devesse ter acontecido, mas como negar agora? E se Maxon me escolhesse mesmo? Seria obrigada a dizer que sim? E se eu ficasse presa ali, casada com um homem enquanto observava a pessoa que eu queria de verdade circulando pela minha casa todos os dias?

Não.

Eu não ia fazer isso comigo mesma.

Deixando de lado todos meus conceitos de como uma dama deveria se comportar, corri para fechar a porta. Então voei até Carter, pus a mão

atrás do seu pescoço e o beijei.

Ele hesitou por uma fração de segundo antes de me envolver em seus braços e me abraçar como se a vida dele dependesse disso.

Quando nos afastamos, ele balançou a cabeça e maldisse a si mesmo:

— Perdi essa guerra. Sem chance de retirada agora.

Mas embora as suas palavras estivessem cheias de remorso, o sorrisinho no seu rosto denunciava que ele estava tão feliz quanto eu.

— Não posso ficar sem você, Carter — eu disse, usando pela primeira vez o nome que ele me revelara recentemente.

— Isso é perigoso. Você compreende, não é? Nós dois podemos acabar mortos.

Fechei os olhos e fiz que sim com a cabeça enquanto lágrimas desciam pelo meu rosto. Viver com ou sem o amor dele: para mim, as duas opções significavam flertar com a morte.

*

Acordei ao som de gemidos. Por um segundo, não sabia onde estava. Então tudo desabou de novo sobre mim. A festa de Halloween. O açoite. Carter...

O cômodo era mal iluminado. Olhando ao redor, vi que o espaço era suficiente apenas para os leitos em que eu e ele nos esparramávamos. Tentei me apoiar para levantar e soltei um grito agudo na hora. Me perguntei por quanto tempo minhas mãos ficariam inúteis.

— Marlee?

Me virei para Carter, me erguendo sobre os cotovelos:

— Estou aqui. Estou bem. Tentei usar as mãos.

— Ah, querida, sinto muito — a voz dele soava como se ele tivesse pedras na garganta.

— Como você está?

— Vivo — ele brincou. Estava deitado de barriga para baixo, mas dava para ver o sorriso em seu rosto. — Dói só de mexer.

— Quer ajuda?

Levantei devagar e o contemplei. Ele estava coberto com um lençol da cintura pra baixo, e eu não fazia ideia do que podia fazer para aliviar sua dor. Vi uma mesa no canto do quarto com frascos e bandagens em cima, além de um pedaço de papel, e me arrastei até ela.

Ele não tinha assinado, mas eu conhecia a caligrafia de Maxon.

Quando vocês acordarem, troquem os curativos. Usem a pomada no frasco. Apliquem com algodão para evitar infecções e tentem não apertar demais as gazes. Os comprimidos também vão ajudar. Depois descansem. Não tentem sair do quarto.

— Carter, tem remédios para nós.

Com cuidado, desrosqueei a tampa usando apenas a ponta dos dedos. O cheiro da substância levemente espessa lembrava ervas.

— O quê? — ele perguntou virando o rosto para mim.

— Também temos gazes e um guia de instruções.

Olhei as minhas mãos cheias de bandagens e tentei pensar em como ia me virar com aquilo.

— Eu ajudo você — Carter se ofereceu como se lesse a minha mente.

Abri um sorriso.

— Vai ser difícil.

— Com certeza — ele murmurou. — Não foi bem assim que imaginei a primeira vez que você me veria pelado.

Não consegui conter a risada que saiu da minha boca. E me apaixonei de novo. Em menos de um dia, tinha sido espancada e rebaixada a Oito, e agora esperava um exílio para sabe-se lá onde. Ainda assim, eu ria.

Que princesa poderia ter mais que isso?

Era impossível medir quanto tempo tinha passado, mas não tentamos chamar ninguém ou bater na porta.

— Imagina para onde vão nos mandar? — Carter perguntou.

Eu estava no chão, ao lado dele, correndo a ponta dos dedos pelo seu cabelo curto.

— Se pudesse escolher, preferiria um lugar quente em vez de frio.

— Também tenho a impressão de que vai ser um desses dois extremos.

Suspirei.

— Estou com medo de não ter casa.

— Não fique. Posso estar um pouco inútil no momento, mas consigo cuidar da gente. Até sei como construir um iglu se formos parar num lugar frio.

Achei graça.

— Sabe mesmo?

Ele confirmou com a cabeça.

— Vou construir o iglu mais lindo, Marlee. Todo mundo vai ficar com inveja.

Dei vários beijos na cabeça dele.

— Você não é inútil, aliás. Não é que...

Um som veio da tranca da porta, que se abriu em seguida. Três pessoas entraram cobertas com capuzes e capas marrons. Senti uma pontada de medo.

Então a primeira pessoa tirou o capuz e se revelou. Arfei surpresa e levantei com um pulo para abraçar Maxon, esquecendo de novo dos machucados e gemendo de dor.

— Vai passar — Maxon prometeu enquanto eu recolhia as mãos. — Leva uns dias para tudo voltar ao normal, mas, Carter, até você vai voltar a andar sozinho logo. Vai sarar mais rápido que a maioria das pessoas.

Maxon se voltou para as outras duas figuras encapuzadas.

— Estes são Juan Diego e Abril. Trabalhavam no palácio até hoje. Agora vocês vão trocar de lugar com eles. Marlee, se quiser ir com Abril para o canto, os cavalheiros e eu desviaremos o olhar enquanto vocês trocam de roupa. Aqui — ele disse ao me entregar uma capa parecida com a dela. — Isto vai lhes dar um pouco de privacidade.

Olhei para o rosto tímido de Abril.

— Claro.

Fomos para um canto, ela tirou a saia e me ajudou a vesti-la. E eu tirei o vestido e o entreguei a ela.

— Carter, vamos ter que colocar sua calça de volta. Vamos ajudar você a levantar.

Mantive o rosto virado para o lado enquanto tentava não ficar tensa com os sons que Carter emitia.

— Obrigada — sussurrei a Abril.

— Foi ideia do príncipe — ela explicou baixinho. — Ele deve ter passado o dia inteiro examinando os registros à procura de alguém que tivesse vindo do Panamá quando descobriu para onde vocês iriam. Nós nos vendemos como funcionários ao palácio para sustentar nossa família. Hoje vamos voltar pra casa.

— Panamá. Estávamos curiosos para saber onde iríamos parar.

— Seria uma grande crueldade o rei mandar vocês para lá depois de tudo — ela murmurou.

— Como assim?

Abril lançou um olhar por cima do ombro para o príncipe, para ter certeza de que ele não nos escutava.

— Cresci como Seis lá, e já não foi bom. Os Oito? São mortos por diversão de vez em quando.

Abri a boca, incapaz de acreditar.

— O quê?

— De meses em meses a gente encontrava morto, no meio da rua, alguém que tinha passado um tempão pedindo esmola. Ninguém sabe quem faz isso. Outros Oito talvez? Os Dois e Três ricos? Rebeldes? Mas acontece. Vocês dois tinham muitas chances de morrer.

— Agora segure meu braço — Maxon instruiu, e me virei para ver Carter inclinado contra o príncipe, já com um capuz na cabeça.

— Muito bem. Abril, Juan Diego, os guardas vão vir para este quarto. Usem as gazes e caminhem como se estivessem feridos. Acho que o plano deles é simplesmente botar vocês num ônibus e despachar os dois. Apenas mantenham a cabeça baixa. Teoricamente, vocês são Oito. Ninguém vai ligar.

— Obrigado, Alteza — Juan Diego disse. — Nunca pensei que veríamos nossa mãe de novo.

— Sou *eu* que agradeço — Maxon emendou. — A disposição de vocês para deixar o palácio salvou a vida deles. Não esquecerei o que vocês fizeram por eles.

Olhei Abril uma última vez.

— Muito bem — Maxon disse ao pôr de novo o capuz. — Vamos.

Com Carter mancando e apoiado em Maxon, o príncipe nos conduziu para o corredor.

— As pessoas não vão desconfiar? — perguntei aos sussurros.

— Não — Maxon respondeu enquanto conferia o caminho a cada esquina. — Funcionários de nível mais baixo, como faxineiros e ajudantes de cozinha, não podem aparecer no andar de cima. Quando é absolutamente necessário que eles subam as escadas, se cobrem deste jeito. Qualquer um que nos vir vai pensar que terminamos uma tarefa e estamos voltando para o quarto.

Maxon nos conduziu por uma longa escadaria que terminava num corredor estreito com uma fileira de portas.

— Aqui — ele chamou.

Acompanhamos o príncipe porta adentro. No pequeno cômodo, uma cama estava encaixada em um dos cantos, com um minúsculo criado-mudo ao lado. Parecia que uma garrafa de leite e uns pães nos esperavam, e minha barriga roncou só de ver comida. Um tapete fino estendia-se bem no meio do piso, e havia algumas prateleiras na parede onde ficava a porta.

— Sei que não é muito, mas vocês estarão seguros aqui. Sinto não poder fazer mais.

Carter balançou a cabeça.

— Como você pode nos pedir desculpas? Era para nossa vida ter acabado algumas horas atrás; mas estamos vivos, juntos e temos um lar. — Maxon e ele trocaram um olhar. — Sei que o que fiz foi tecnicamente uma traição, mas não tinha nada a ver com falta de respeito por você.

— Eu sei.

— Ótimo. Então quando digo que ninguém neste reino será mais leal a você do que eu, espero que acredite.

Carter contraiu o corpo de dor e se desequilibrou sobre o príncipe.

— Vamos pôr você na cama.

Ajudei a apoiar o outro ombro de Carter e, junto com Maxon, o deitamos de bruços. Ele ocupou a maior parte da cama, então eu teria que dormir aquela noite no tapete.

— Uma enfermeira virá ver como vocês estão de manhã — Maxon explicou. — Podem tirar uns dias de descanso, mas precisam passar o máximo de tempo possível aqui dentro. Cuidarei para que o nome de vocês apareça na escala de trabalho oficial daqui a três ou quatro dias, e então alguém da cozinha lhes dará algo para fazer. Não sei exatamente qual será o trabalho, mas deem o seu melhor naquilo que pedirem. Tentarei ver como vocês estão sempre que puder. Por ora, ninguém saberá que estão aqui. Nem os guardas, nem a Elite, nem mesmo suas famílias. Vocês vão interagir com um grupo pequeno de funcionários do palácio, e as chances de eles reconhecerem vocês são mínimas. Ainda assim, daqui em diante

seus nomes serão Mallory e Carson. Esta é a única forma que tenho de proteger vocês.

Levantei o olhar para ele e pensei que, se pudesse escolher um marido para minha melhor amiga, seria ele.

— Você fez tanto por nós. Obrigada.

— Gostaria de ter feito mais. Vou tentar recuperar alguns objetos pessoais, se conseguir. Além disso, há algo mais que eu possa fazer por vocês? Se for razoável, prometo tentar.

— Uma coisa — Carter disse com a voz cansada. — Quando puder, pode encontrar um sacerdote para nós?

Precisei de um segundo para compreender a intenção por trás daquele pedido, e no instante em que compreendi, meus olhos se encheram de lágrimas de felicidade.

— Perdão — ele acrescentou. — Sei que não é o mais romântico dos pedidos de casamento...

— Eu sei, mas é um pedido mesmo assim — balbuciei.

Observei os olhos dele marejarem. Por uns momentos, até esqueci que Maxon estava no quarto.

— Será um prazer. Não sei quanto tempo vai levar, mas vou dar um jeito. — Ele sacou do bolso os remédios do andar de cima e os deixou ao lado da comida. — Usem a pomada de novo hoje à noite e descansem o máximo que puderem. A enfermeira cuidará do resto amanhã.

Concordei com a cabeça.

— Vou tomar conta de nós dois.

Com um sorriso, Maxon se retirou do quarto.

— Quer comida, noivo? — perguntei.

Carter abriu um sorriso largo.

— Ah, obrigado, noiva, mas na verdade estou meio cansado.

— Tudo bem, noivo. Por que você não dorme um pouco?

— Eu dormiria melhor se minha noiva estivesse comigo.

E então, esquecendo da fome, me enfiei naquela cama minúscula. Metade do meu corpo pendia da beirada, enquanto a outra metade estava esmagada sob Carter. Mas o sono me veio com uma facilidade impressionante.



PARTE II

EU CONTRAÍIA AS MÃOS O TEMPO TODO. Finalmente sararam, mas às vezes, depois de um dia longo, minhas palmas inchavam e latejavam. Naquela noite, até meu pequeno anel apertava. Encontrei a parte que estava arrebetando e fiz uma nota mental para pedir a Carter um novo no dia seguinte. Tinha perdido a conta de quantas alianças de barbante já tínhamos usado, mas ter aquele símbolo na mão significava muito pra mim.

Peguei a pá de novo e tirei a farinha que caíra na mesa para jogar no lixo. Enquanto isso, outros funcionários da cozinha esfregavam o chão ou guardavam os ingredientes. Tudo já estava preparado para o café da manhã, e logo poderíamos dormir.

Respirei fundo quando duas mãos envolveram minha cintura.

— Olá, esposa — Carter disse ao beijar minha bochecha. — Ainda trabalhando?

Ele tinha o cheiro de seu trabalho: grama cortada e luz do sol. Eu tinha certeza de que ficaria preso nos estábulos — onde estaria longe dos olhos do rei —, assim como eu estava enterrada na cozinha. Em vez disso, Carter andava por aí com dezenas de outros zeladores, escondido à vista de todos. Ele voltava para dentro à noite com a vida lá fora grudada no corpo, e por um momento eu tinha a sensação de também ter estado ao ar livre.

— Quase acabando — respondi com um suspiro. — Vou para a cama quando arrumar aqui.

Ele roçou o nariz no meu pescoço.

— Não seja perfeccionista. Posso massagear suas mãos se quiser.

— Seria perfeito — falei baixinho.

Eu ainda amava minhas massagens no fim do dia — talvez ainda mais agora que era Carter quem as fazia —, mas quando o expediente terminava bem depois da hora de dormir, geralmente passava sem esse luxo.

Às vezes, meu pensamento se apegava às lembranças dos meus dias de antes. Como era bom ser adorada, ser o orgulho da minha família, como eu me sentia bonita. Era difícil passar de ser servida o tempo todo para a que serve o tempo todo; ainda assim, eu sabia que as coisas poderiam ser piores, bem piores.

Tentei manter o sorriso no rosto, mas o olhar dele foi além.

— O que houve, Marlee? Você tem andado cabisbaixa ultimamente — ele cochichou sem me soltar.

— Sinto muita falta dos meus pais, especialmente agora que o Natal está tão perto. Não paro de pensar em como estão. Se estou triste deste jeito sem eles, como eles se viram sem mim? — Apertei os lábios, como se assim pudesse espremer toda a preocupação. — E sei que é bobeira ligar pra isso, mas não vamos poder trocar presentes. O que eu poderia dar a você? Um pedaço de pão?

— Eu adoraria um pedaço de pão!

Achei graça desse entusiasmo.

— Mas eu nem poderia usar minha própria farinha para fazer um pão pra você. Teria que roubar.

Ele me beijou na bochecha.

— Verdade. Além disso, da última vez que roubei alguma coisa, era bem grande, e recebi mais do que merecia, e já estou feliz com o que tenho.

— Você não me roubou. Não sou uma chaleira.

— Humm — ele ficou pensando. — Talvez você é que tenha me roubado. Porque lembro com clareza que um dia pertenci a mim mesmo, mas agora sou todo seu.

Sorri.

— Eu te amo.

— Também te amo. Não se preocupe. Sei que é um período difícil, mas não é pra sempre. E temos muito pelo que agradecer este ano.

— Temos. Desculpe por estar tão desanimada hoje. Só me sinto...

— Mallory!

Virei ao ouvir chamarem meu novo nome.

— Onde está Mallory? — um guarda perguntou ao entrar na cozinha. Estava com uma garota que eu jamais tinha visto. Engoli em seco antes de responder.

— Aqui.

— Por favor, venha.

Havia urgência na voz dele, mas o “por favor” me deixou menos assustada. A cada dia eu me preocupava mais com a possibilidade de alguém contar ao rei que Carter e eu vivíamos na casa dele em segredo. Eu sabia que, se isso acontecesse, o açoite pareceria mais um prêmio do que um castigo.

Beijei a bochecha de Carter e disse:

— Já volto.

A garota agarrou minha mão quando passei por ela.

— Obrigada. Vou esperar você aqui.

Franzi a testa, confusa.

— Tudo bem.

— Contamos com a sua mais absoluta discrição — o guarda disse enquanto me conduzia pelo corredor.

— Claro — respondi, ainda sem entender.

Entramos na ala dos soldados, o que me deixou ainda mais confusa. Uma pessoa da minha condição não tinha permissão para frequentar essa parte do palácio. Todas as portas estavam fechadas, exceto uma, guardada por outro soldado com rosto calmo, mas olhar preocupado.

— Apenas faça o melhor que puder — alguém disse dentro do quarto. Eu conhecia aquela voz.

Cheguei perto da porta e contemplei a cena. America deitada numa cama com o braço sangrando enquanto sua criada principal, Anne, examinava a ferida sob olhares do príncipe e de dois guardas.

Anne, sem tirar os olhos da ferida, gritava ordens para os guardas:

— Alguém traga água fervente. A bolsa de primeiros socorros deve ter antisséptico, mas quero água também.

— Eu pego — ofereci.

O rosto de America se animou e nossos olhares se encontraram.

— Marlee.

Ela começou a chorar, e percebi que estava perdendo a batalha contra a dor.

— Já volto, America. Agente firme!

Corri para a cozinha e peguei umas toalhas no armário. Ainda bem que já havia água fervente numa chaleira; despejei um pouco num jarro.

— Cimmy, você vai precisar encher a chaleira de novo — avisei com pressa e saí rápido demais para que ela reclamasse.

Em seguida fui atrás de bebida. As melhores garrafas ficavam guardadas perto do rei, mas às vezes usávamos conhaque nas receitas. Eu já era mestra em fazer costeletas de porco com conhaque, frango ao molho de conhaque e um creme batido com conhaque para a sobremesa. Peguei uma garrafa na esperança de que fosse ajudar.

Eu entendia um pouco de dor.

Ao voltar, encontrei Anne passando um fio por uma agulha enquanto America tentava controlar a respiração. Deixei a água e as toalhas atrás de Anne e fui até a cama com a garrafa.

— É para a dor — expliquei ao levantar a cabeça de America para ajudá-la a beber. Ela tentou engolir, mas acabou tossindo mais do que bebendo.

— Tente de novo.

Sentei ao seu lado, longe do braço ferido, e mais uma vez levei o gargalo aos lábios dela. Ela tomou mais dessa vez. Depois de engolir, levantou os olhos para mim e disse:

— Estou tão feliz por você estar aqui.

Eu estava com o coração partido de vê-la com tanto medo, ainda que ela já estivesse a salvo. Não sabia o que tinha acontecido, mas ia fazer o máximo para melhorar as coisas.

— Sempre estarei ao seu lado, America. Você sabe disso. — Abri um sorriso e tirei uma mecha do cabelo dela que estava sobre a testa. — Que diabos vocês estavam fazendo?

Deu para notar a hesitação nos olhos dela.

— Parecia uma boa ideia — foi o que respondeu.

Inclinei a cabeça para o lado.

— America, sua cabeça está cheia de más ideias. Ótimas intenções, péssimas ideias — falei, tentando segurar o riso.

Ela apertou os lábios, como que para dizer que sabia bem do que eu falava.

— Essas paredes abafam bem o som? — Anne perguntou aos guardas. Aquele devia ser o quarto deles.

— Muito bem — um deles respondeu. — Não escuto muita coisa neste canto do palácio.

Anne acenou com a cabeça.

— Ótimo. Pois bem, todos para o corredor. Senhorita Marlee — ela continuou. Fazia tanto tempo que ninguém além de Carter me chamava pelo meu verdadeiro nome que senti vontade de chorar. Não tinha noção do quanto meu nome significava para mim —, preciso de mais espaço, mas você pode ficar.

— Não vou atrapalhar, Anne — prometi.

Os rapazes se retiraram para o corredor e Anne assumiu o controle. Ao vê-la conversar com America e se preparar para dar os pontos, não pude

deixar de ficar impressionada com tanta calma. Eu sempre gostara das criadas de America, especialmente de Lucy, que era muito, muito doce. Mas aquela situação me fez enxergar Anne de um jeito completamente novo. Era uma pena que alguém tão capaz de lidar com uma crise não pudesse ser mais do que uma criada.

Anne finalmente começou a limpar a ferida, que eu ainda era incapaz de identificar. America gritava com a toalha na boca. Embora odiasse fazer isso, eu sabia que precisava imobilizá-la para que ela ficasse quieta. Subi em cima dela e concentrei toda a minha energia em manter seu braço esticado.

— Obrigada — Anne murmurou ao tirar um pequeno fragmento negro com a pinça.

O que era aquilo? Sujeira? Asfalto? Ainda bem que Anne era cuidadosa. Só o ar já bastaria para deixar America com uma infecção horrível, mas Anne claramente não deixaria isso acontecer.

America gritou de novo e tentei acalmá-la:

— Vai acabar logo, America — falei, pensando nas palavras que Maxon me dissera antes do açoite e nas palavras de Carter durante o castigo. — Pense em algo feliz. Pense em sua família. Pude notar que ela tentava, mas era evidente que não estava funcionando. A dor era demais. Então lhe dei mais conhaque, um gole atrás do outro até Anne terminar.

Quando tudo acabou, comecei a me perguntar se America sequer se lembraria do que tinha acontecido. Depois que Anne cobriu a ferida com gazes, nós duas recuamos e assistimos America cantar uma canção natalina infantil enquanto traçava com o dedo desenhos imaginários na parede.

Anne e eu achamos graça de seus gestos desajeitados.

— Alguém sabe pelo menos onde os cachorrinhos *estão*? — America perguntou. — Por que estão tão longe?

Cobrimos a boca, rindo a ponto de chorar. O perigo tinha passado, America havia sido bem cuidada e agora só pensava na emergência dos cachorrinhos em sua cabeça.

— Talvez seja melhor guardarmos isso para nós — Anne sugeriu.

— Sim, também acho — suspirei. — O que você acha que aconteceu com ela?

Anne ficou tensa.

— Sou incapaz de arriscar um palpite sobre o que estavam fazendo, mas posso afirmar com certeza que aquela era uma ferida de bala.

— Bala? — perguntei, espantada.

Anne confirmou.

— Uns centímetros mais para a esquerda e ela podia ter morrido.

Baixei o olhar para America, que tinha passado a cutucar as bochechas com os dedos, aparentemente só pra saber qual era a sensação.

— Que bom que ela está bem agora.

— Mesmo se ela não fosse minha patroa, acho que ainda gostaria que se tornasse princesa. Não sei o que teria feito se a perdêssemos — Anne falou, não só como criada, mas como súdita. Eu sabia exatamente o que ela queria dizer.

Concordei com a cabeça.

— Estou feliz por ela ter podido contar com você esta noite. Vou chamar os rapazes para que a levem ao quarto. — Agachei ao lado de America. — Ei, estou indo agora. Mas tente não se arrebentar de novo, certo?

Ela fez que sim com a cabeça lentamente.

— Sim, senhora.

Com certeza ela não se lembraria disso.

O guarda que tinha me chamado estava agora de pé no fim do corredor, de vigia. O outro estava sentado no chão bem ao lado da porta, mexendo os dedos de nervosismo enquanto Maxon caminhava em círculos.

— E então? — o príncipe perguntou.

— Ela está melhor. Anne cuidou de tudo, e America está... Bom, ela tomou bastante conhaque, então está meio fora de si. — A letra da música de Natal que ela tinha cantado ecoou na minha cabeça e deixei escapar uma risadinha. — Podem entrar agora.

O guarda no chão se levantou como um raio, e Maxon seguiu logo atrás dele. Fiquei com vontade de parar os dois e perguntar algumas coisas, mas talvez não fosse o momento.

Caminhei a passos cansados para o quarto, destruída depois de passada a adrenalina. Ao me aproximar, vi Carter sentado no corredor em frente à porta.

— Ah! Você não precisava me esperar — eu disse baixinho, na tentativa de não incomodar ninguém.

— Eu a coloquei na nossa cama — ele disse. — Por isso decidi esperar aqui fora.

— Você colocou quem na nossa cama?

— A menina da cozinha. Aquela que estava com o guarda.

— Ah, certo. — Sentei ao seu lado. — O que ela queria comigo?

— Parece que você vai treiná-la. O nome dela é Paige, e de acordo com a história que ela acabou de me contar, esta noite foi *bem* interessante.

— Como assim?

Ele baixou ainda mais a voz:

— Ela era prostituta. Disse que America a encontrou e a trouxe para cá. Então o príncipe e America estiveram fora do palácio esta noite. Você faz alguma ideia do motivo?

Neguei com a cabeça.

— Só sei que acabei de ajudar Anne a costurar o ferimento a bala de America.

A expressão chocada de Carter era reflexo da minha.

— O que eles fizeram para se arriscar tanto?

— Não sei — respondi com um bocejo. — Mas tenho a sensação de que foi por uma boa causa.

Embora topar com prostitutas e tiroteios não parecesse muito saudável, havia uma coisa que eu sabia sobre Maxon: ele sempre lutava para fazer o que era certo.

— Vamos — Carter disse. — Você pode dormir ao lado de Paige. Eu durmo no chão.

— Sem chance. Para onde você for, eu vou — rebati. Eu precisava estar ao lado dele naquela noite. Tanta coisa passava pela minha cabeça, e ele era meu único porto seguro.

Lembrei de achar uma tolice da parte de America ficar brava com Maxon por causa do meu açoite, mas agora fazia sentido. Apesar de todo o respeito que eu tinha por ele, não conseguia evitar sentir um pouco de raiva por ele ter deixado America se machucar. Pela primeira vez, fui capaz de ver meu castigo pelos olhos dela. Nesse momento, tomei consciência de quanto a amava, e de quanto ela devia me amar. Se America sentiu metade da preocupação que eu tive com ela, era mais do que suficiente.

Uma semana e meia tinha se passado, e nada parecia ter voltado ao normal ainda. Em todo lugar que eu ia, as conversas ainda giravam em torno do ataque. Fui uma das poucas pessoas com sorte. Enquanto muitos foram assassinados cruelmente por todo o palácio, Carter e eu nos refugiamos com segurança no nosso quarto. Ele estava do lado de fora cuidando dos jardins quando ouviu os tiros, e assim que percebeu o que se passava, disparou para a cozinha, me buscou, e ambos corremos para o quarto. Ajudei-o a empurrar a cama contra a porta, e depois deitamos em cima dela para fazer mais peso.

Enquanto as horas passavam, eu tremia em seus braços, apavorada de pensar que os rebeldes poderiam nos encontrar e imaginando se havia

alguma chance de eles terem piedade de nós. Não parava de perguntar a Carter se não deveríamos tentar fugir do palácio, mas ele insistia que era mais seguro ficar onde estávamos.

— Você não viu o que vi, Marlee. Acho que não conseguiríamos.

Então esperamos, atentos aos sons dos inimigos e aliviados quando os amigos finalmente passaram pelo corredor batendo nas portas. Era estranho pensar que, quando entrei naquele quarto, o rei era Clarkson, mas quando saí, era Maxon.

Eu ainda não era nascida da última vez em que a coroa fora entregue a um novo rei. Agora parecia uma mudança natural para o país. Talvez porque eu sempre seguira Maxon com alegria em qualquer situação. E, claro, o trabalho que cabia a Carter e a mim no palácio não diminuiu, de modo que não havia muito tempo para pensar no novo governante.

Eu estava preparando o almoço quando um guarda chegou à cozinha e me chamou pelo meu novo nome. Na última vez em que isso tinha acontecido, America estava sangrando, então logo fiquei preocupada. E eu não sabia bem o que significava o fato de Carter, coberto de suor pelo trabalho no jardim, já estar acompanhando o guarda.

— Você sabe do que se trata? — cochichei para Carter enquanto o guarda nos conduzia escada acima.

— Não. Não acho que estamos encrencados, mas a formalidade de uma escolta é... desconcertante.

Enlacei a mão na dele. A minha aliança ficou um pouco torcida por causa disso e o nó se aninhou entre os dedos.

O guarda nos levou até a Sala do Trono, geralmente reservada para a recepção de convidados ou cerimônias especiais relacionadas à coroa. Maxon estava sentado no fundo da sala, com a coroa na cabeça. Parecia tão sábio. Meu coração se encheu de orgulho ao ver America sentada no trono menor ao lado do novo rei. Ainda não havia coroa para ela — só

depois do casamento —, mas ela usava uma tiara no cabelo que parecia um sol brilhante, e já tinha ar de rainha.

Ao lado, conselheiros sentados a uma mesa reviam pilhas de papéis e não paravam de tomar notas.

Acompanhamos o guarda ao longo do tapete azul. Ele parou bem em frente ao rei Maxon, curvou-se e deu um passo para o lado, deixando Carter e eu diante dos tronos.

Carter abaixou a cabeça depressa.

— Majestade.

Eu o acompanhei com uma reverência.

— Carter e Marlee Woodwork — ele começou com um sorriso. Meu coração queria explodir ao ouvir meu nome completo e verdadeiro de casada. — À luz dos seus serviços à coroa, eu, seu rei, tomo a liberdade de desfazer os castigos infligidos a vocês no passado.

Carter e eu nos entreolhamos, sem saber ao certo o que isso significava.

— Evidentemente, o castigo físico não pode ser mudado, mas as outras condenações podem. É verdade que vocês dois foram rebaixados à casta Oito?

Era bizarro ouvi-lo falar assim, mas suponho que existiam regras a serem seguidas. Carter respondeu por nós dois:

— Sim, Majestade.

— E também é verdade que vocês têm morado no palácio, realizando o trabalho de Seis pelos últimos dois meses?

— Sim, Majestade.

— Também é verdade que você, Marlee Woodwork, serviu à futura rainha quando esta estava fisicamente debilitada?

Sorri para America.

— Sim, Majestade.

— É também verdade, Carter Woodwork, que você tem amado e cuidado de sua esposa, uma ex-Elite e, portanto, uma valiosa filha de Illéa, dando a

ela o melhor que poderia ter nessas circunstâncias?

Carter baixou o olhar. Era como se eu pudesse ler seus pensamentos, imaginando se tinha me dado o bastante.

Respondi de novo:

— Sim, Majestade!

Reparei que meu marido piscou para segurar as lágrimas. Tinha sido ele a me dizer que aquela vida não duraria para sempre; era ele quem me animava quando os dias eram longos demais. Como podia pensar que não fazia o bastante?

— Em retribuição aos seus serviços, eu, rei Maxon Schreave, dispenso ambos de suas castas. Vocês já não são mais Oito. Carter e Marlee Woodwork, vocês são os primeiros cidadãos de Illéa a não terem casta.

Estreitei os olhos.

— Não temos castas, Majestade?

Arrisquei um olhar para America e vi seu rosto radiante voltado para mim, com lágrimas brilhando nos olhos.

— Exato. Vocês agora têm a liberdade de escolher duas coisas. Primeira: devem decidir se gostariam de continuar a chamar o palácio de lar. Segunda: podem me dizer a profissão que gostariam de ter. Não importa a decisão: minha noiva e eu ficaremos contentes em lhes fornecer casa e apoio. Mas, mesmo depois disso, vocês não terão casta. Serão apenas vocês mesmos.

Virei para Carter, completamente atônita.

— O que você acha? — ele perguntou.

— Devemos tudo a ele.

— De acordo. — Carter endireitou o corpo e se voltou para Maxon. — Majestade, minha esposa e eu ficaríamos felizes em permanecer na sua casa e servi-lo. Não posso falar por ela, mas amo meu cargo de zelador. Sou feliz por trabalhar ao ar livre e pretendo continuar enquanto for capaz.

Se algum dia o posto de zelador principal estiver disponível, eu gostaria de ser levado em conta para ocupá-lo, mas de resto estou contente.

Maxon fez que sim com a cabeça.

— Muito bem. E você, Marlee Woodwork?

Olhei para America.

— Se a futura rainha me aceitar, adoraria ser uma de suas damas de companhia.

America dançou um pouco no assento e levou as mãos ao coração.

Maxon a olhou como se ela fosse a coisa mais linda do planeta.

— Talvez dê para perceber que era para isso que ela torcia. — O novo rei limpou a garganta e se endireitou no trono, dirigindo-se aos homens à mesa. — Registre-se que Carter e Marlee Woodwork foram perdoados dos seus crimes passados e que agora vivem sob a proteção do palácio. Diga-se ainda que ambos não têm casta e estão acima de qualquer segregação.

— Está registrado! — um homem gritou em resposta.

Assim que terminou de falar, Maxon levantou e tirou a coroa, enquanto America simplesmente pulou do assento e correu para me abraçar.

— Eu estava torcendo para que você ficasse — ela falou quase cantando.

— Não posso seguir em frente sem você!

— É brincadeira, não é? Eu tenho muita sorte de servir a rainha.

Maxon se juntou a nós e apertou firme a mão de Carter.

— Tem certeza de que quer continuar como zelador? Você pode voltar a ser guarda e até um conselheiro, se quiser.

— Tenho certeza. Nunca tive cabeça para esse tipo de coisa. Sempre fui bom com as mãos, e esse tipo de trabalho me faz feliz.

— Muito bem — Maxon disse. — Avise se um dia mudar de ideia.

Carter fez que sim com a cabeça enquanto me envolvia com o braço.

— Ah! — America exclamou para logo voltar ao trono aos pulinhos. — Quase esqueci!

Ela pegou uma caixinha e voltou radiante para perto de nós.

— O que é isso? — perguntei.

Ela sorriu para Maxon.

— Prometi que estaria no seu casamento e não cumpri. E apesar de ser um pouco tarde, pensei que poderia compensar com um presentinho.

America estendeu a caixa para nós, e mordi o lábio de ansiedade. Todas as coisas que sonhara para o meu casamento — um vestido lindo, uma festa fantástica, um quarto cheio de flores — ficaram faltando. A única coisa que tive no dia foi um noivo absolutamente perfeito, e estava tão feliz que deixei todo o resto de lado.

Mesmo assim, era bom receber um presente. Tornava tudo mais real.

Abri a caixa e, lá dentro, encontrei duas simples e belas alianças de ouro.

Levei a mão à boca.

— America!

— Tentamos ao máximo acertar o tamanho — Maxon disse. — E se vocês preferirem outro metal, ficaremos felizes em trocar.

— Acho os anéis de barbante uma graça — America disse. — Espero que guardem esses que estão usando agora para sempre. Mas achamos que mereciam algo um pouco mais permanente.

Olhei para as joias, incapaz de crer que eram reais. Era engraçado: duas coisas tão pequenas e de valor incalculável. Eu estava prestes a chorar de felicidade.

Carter tirou os anéis da minha mão, entregou a Maxon e pegou o menor da caixa.



— Vamos ver como fica — ele disse antes de tirar com cuidado o barbante do meu dedo e o segurar enquanto deslizava a aliança de ouro no lugar.

— Um pouco folgada — eu disse, brincando com ela. — Mas perfeita.

Empolgada, peguei o anel de Carter, que já tirava o velho barbante para guardar junto com o meu. A aliança dele serviu perfeitamente. Coloquei a mão sobre a dele e apertei os dedos.

— É demais! — eu disse. — É muita coisa boa para um dia só.

America veio por trás de mim e me envolveu em seus braços.

— Tenho a sensação de que muitas coisas boas estão por vir.

Eu a abracei enquanto Carter foi apertar novamente a mão de Maxon.

— Estou tão feliz em ter você de volta — cochichei.

— Eu também.

— E você vai precisar de alguém para te impedir de passar dos limites
— provoquei.

— Você está de brincadeira? Preciso de um exército inteiro para me impedir de passar dos limites.

Comecei a rir.

— Nunca serei capaz de te agradecer o bastante. Você sabe, não é? Sempre estarei ao seu lado.

— Então isso já é agradecimento suficiente.



ROBBIE POFF

KIERA CASS nasceu em 1981, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Formou-se em história na Universidade de Radford, na Virginia, e publicou seu primeiro livro, *The Siren*, em 2009, em uma edição independente. Beijou aproximadamente catorze garotos em sua vida, mas nenhum deles era um príncipe.

Copyright do texto © 2015 by Kiera Cass
Copyright das ilustrações © 2015 by Sandra Suy

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Favorite

CAPA Sarah Bonet

PREPARAÇÃO Nathália Dimambro

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-438-0432-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Introdução

Parte I

Parte II

Sobre a autora

Créditos